



## A construção identitária de Rose: uma imigrante guianense em Boa Vista-RR

Maria Lúcia da Silva Brito<sup>1</sup>

Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Roraima e  
Mestranda em Letras PPGL/UFRR

**Resumo:** O estado de Roraima, localizado no extremo norte do Brasil é marcado histórica e culturalmente por processos migratórios tanto nacionais quanto internacionais. Esses processos têm forte influência sobre a construção de identidades dos sujeitos devido às questões culturais e linguísticas. Desta forma, este artigo tem por objetivo apresentar algumas discussões sobre a construção identitária de Rose – uma imigrante guianense que reside no espaço urbano de Boa Vista (capital de Roraima) há vinte e três anos. Trata-se do recorte de uma pesquisa em construção que venho realizando para o Mestrado em Letras/UFRR na área de Linguística Aplicada, cuja base metodológica é a pesquisa qualitativa. A análise se dá com o destaque de vinhetas selecionadas no discurso materno de Rose coletadas a partir de entrevista semiestruturada e gravada em áudio, com a devida autorização. Concluo revelando como o discurso materno justifica a imigração e a permanência de Rose e sua família em país estrangeiro.

**Palavras-chave:** construção identitária, imigração, discurso materno.

**Abstract:** The state of Roraima, which is situated in the extreme north of Brazil, is marked by historical and cultural processes both from domestic and international migration. These processes have a strong influence on the construction of identities of the subjects due to cultural and linguistic issues. Thus, this article aims to present some discussion on the identity construction of Rose - a Guyanese immigrant who lives in the urban area of Boa Vista (Roraima's capital) for twenty-three years. This is part of a research that I have been doing for the Master's degree in Letters / UFRR in the area of Applied Linguistics, which is the methodological basis of qualitative research. The analysis gives prominence with selected vignettes from Rose's maternal discourse which were collected from semi-structured and recorded interview, with Rose's permission. I conclude by showing how the maternal discourse justifies the immigration and residence of Rose and her family in a foreign country.

**Keywords:** identity construction, immigration, maternal discourse

### 1. Introdução

O presente artigo é um “recorte” da pesquisa que venho realizando para o Mestrado em Letras do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de

---

<sup>1</sup> britoluci@ibest.com.br



Roraima (UFRR). Aqui tenho por objetivo apresentar algumas discussões sobre a construção identitária de Rose – uma imigrante guianense que reside no espaço urbano de Boa Vista/RR há 23 anos.

Uso o aporte teórico-metodológico da Linguística Aplicada para analisar as falas do discurso de Rose, uma vez que a Linguística Aplicada é uma área transdisciplinar preocupada com as práticas de uso da linguagem em tempos, lugares, sociedades e culturas específicas. As vinhetas foram coletadas a partir de conversas informais e também de uma entrevista semiestruturada gravada em áudio com a devida autorização da participante.

O artigo está assim organizado: na primeira parte apresento a “agente pensante”<sup>i</sup> e sua trajetória de migração. Na segunda parte discuto teoricamente as concepções de identidade, cultura e migração com os exemplos do discurso de Rose. A terceira parte é um convite à reflexão a partir do questionamento: “Afiml, qual a identidade de Rose?”. Julgo que as considerações sejam apenas parciais, visto que muito espaço há, tanto para aprofundar as discussões quanto para suscitar novas reflexões.

## 2. A trajetória de Rose

Rose, 57 anos é casada, mãe de três filhas e permitiu a gravação da entrevista em sua residência, situada em bairro da zona oeste do município de Boa Vista. Nascida em Georgetown (capital da Guiana), mudou-se para Lethem, que é a cidade guianense mais próxima da fronteira com o Brasil, aos dezoito anos. Casou-se e fez o marido optar entre o casamento e a carreira militar. Ele deixou de ser soldado e dedicou-se ao casamento. Ela trabalhava como professora e era atuante na igreja católica enquanto ele fazia serviços de eletricista.

Ainda em Lethem, Rose começou a enfrentar problemas de saúde e com o marido. Não havia mais trabalho para ele na região como eletricista e ela perdeu os três primeiros filhos devido à falta de condições de atendimento médico. Por esta razão, decidiu que os partos das outras gestações fossem realizados em Bonfim<sup>ii</sup>, que é a cidade brasileira que faz fronteira com a Guiana<sup>iii</sup>.

Em 1989, ela decidiu migrar para Boa Vista (capital do estado de Roraima), buscando oferecer melhores condições de saúde e de educação às filhas. A adaptação foi difícil porque



não falava português. Ficava em casa cuidando das crianças enquanto que o marido buscava trabalho, o que também foi complicado porque permanecia pouco tempo nas empresas para as quais trabalhava (no máximo três meses) em virtude da documentação de estrangeiro.

As empresas preferiam (e talvez ainda prefiram) trabalhadores brasileiros com a documentação necessária e que corresponda às exigências do Ministério do Trabalho e Emprego. O marido de Rose, à época, só tinha o visto temporário<sup>iv</sup>. Hoje, ambos, têm visto permanente, carteira de identidade e CPF, mas as filhas têm toda a documentação brasileira já que nasceram e foram registradas em Bonfim. Eles sempre visitam os amigos e familiares na Guiana e vice-versa.

As filhas aprenderam português na convivência com outras crianças em ambiente escolar, o marido aprendeu a falar português na convivência em diferentes ambientes de trabalho e Rose conseguiu aprender um pouco com as próprias filhas. Até hoje, muitas tradições são mantidas em casa como a culinária, a religião (católica) e a comunicação que se realiza na língua inglesa.

### 3. O discurso materno de Rose no trânsito ser guianense e/ou ser brasileira

A relação LINGUAGEM-DISCURSO-IDENTIDADE é tão próxima que, ao analisar a construção de identidades de migrantes, Penna (1998, p. 92-93) afirma que a linguagem não apenas expressa a experiência, mas antes a constitui, pois é através dela que o migrante constrói uma representação própria da vida, dando-lhe significado e, ainda, completa:

... a identidade social é uma construção simbólica que envolve processos de caráter histórico e social que se articulam (e atualizam) no ato individual de atribuição. Consideramos, assim, que a identidade social é uma representação, relativa à posição no mundo social, e, portanto intimamente vinculada às questões de reconhecimento. Concebemos a possibilidade de múltiplas identidades com base em referenciais distintos – como a origem territorial, a condição de gênero, a etnia, a atividade profissional etc. –, pois, enquanto uma construção simbólica, a identidade não é decorrência automática de materialidade (...).

Para Wittgenstein (2002), a linguagem atribui significado às coisas, isto porque quando alguém fala, não apenas informa, mas revela muito de si. É assim que é possível entender no discurso de Rose comparações implícitas e explícitas entre “lá” (Guiana) e “aqui”



(Brasil). São as referências às instituições (família, escola, igreja), ao papel do Estado e os elementos culturais (vestuário, culinária, língua) que formam uma via de mão dupla na vida de Rose e a ajudam a constituir sua identidade social e individual.

Destaco os enunciados sobre a escola brasileira nos quais ela evidencia que os professores de inglês em Roraima não têm a pronúncia correta do inglês e que sentiu prejuízo na vida escolar de suas filhas: “now the problem is porque criança sabe bem inglês chegou em colégio porque professores em inglês aqui metade de colégio 90% de colégio é brasileiros so the pronounce não sei pronounce”.

Silva (2009, p. 14) justifica o que aconteceu com Rose argumentando que as famílias de imigrantes precisam

passar por uma adaptação ou um ajustamento – um verdadeiro processo de aprendizagem, que acarreta mudanças nos comportamentos dessas pessoas. O medo ou a insegurança em relação às próprias expectativas – que não sejam preenchidas no novo local onde irão morar – e a incapacidade de resolver problemas e de prever as reações das pessoas em um ambiente estranho podem gerar grandes desafios que implicam em muito estresse. Há todo um conflito de crenças dentro de cada um que pode dar margem a dúvidas sobre a própria identidade, e tudo isso fica evidente quando a família tem de enfrentar tantos estímulos novos.

Dentre esses obstáculos, destaca-se o ritmo diferente com que pais e filhos vão incorporando a cultura anfitriã, o que contribui para o surgimento de conflitos...

Assim posso dizer que hoje Rose já compreende os costumes brasileiros que se diferenciam dos guianenses, principalmente no que se refere ao comportamento. Rose e sua família passaram pela adaptação citada por Silva, sendo que Rose demonstra ser a mais resistente aos novos estímulos.

Ouso justificar sua resistência por seu modo de vida: quase não sai de casa, não “aprendeu” a língua local, centraliza as comunicações em casa na língua inglesa, enfrentou obstáculos linguísticos na educação das filhas, prepara alimentos tipicamente brasileiros, como o arroz e o feijão, mas não os consome porque prefere os guianenses.

Em relação à própria fala, ela observa que é reconhecida como venezuelana e não como guianense. Segundo sua perspectiva, as pessoas não acreditam que ela seja guianense até pelos “estereótipos” que os brasileiros traçam acerca dos guianenses. Rose não é negra nem indiana; é uma mulher branca de origem europeia e que fala de forma estranha, então “só pode ser venezuelana”.



Maher (1998) advoga a ideia de que a identidade é construída no espaço discursivo e não importa a língua que se fala isto porque é tendência do ser humano estereotipar o sujeito por sua língua ou impô-la como fator determinante de identidade.

Assim, só depois que estabelece o diálogo com alguém que a considera venezuelana é que é possível para Rose revelar sua origem guianense.

Ao ser questionada sobre o motivo de sua migração para Boa Vista, Rose revela: “Saúde e educação de minha filhas”, elegendo o que pode ser dito, fato que poderia ter sido escondido por outra pessoa se ela tivesse vergonha, por exemplo.

O fato narrado é um marco para a mudança. Mudar não só de espaço, mas mudar toda a sua vida, de seu marido, de sua madrasta e de suas filhas. Rose tem o poder de decisão, ousou identificá-la como “matriarca”. Ela “decide”, “faz o marido optar” e é a primeira referência de suas filhas.

Concordo com Cuche (2002) quando afirma que as questões de identidade estão relacionadas com a cultura. Para este autor, a identidade é construída por meio da linguagem, no interior das relações sociais. A identidade não existe em si; ela pressupõe a alteridade, isto é, a presença do *outro*. É o *outro*, no caso suas filhas, que a constituem como é. Rose decide, mas não para si. É por meio das filhas que se realiza. Veio e trouxe toda a família a fim de oferecer condições de saúde e educação às filhas.

Em uma visita informal, registrei no diário de campo um fato que ela não relatou na entrevista gravada: sua segunda filha teve problemas cardíacos e foi submetida a uma cirurgia nos Estados Unidos aos cinco anos de idade. Este fato teve um peso considerável na decisão da imigração. Roraima, apesar de ser um estado com poucos recursos em relação aos demais estados brasileiros ainda oferece melhores condições do que a cidade guianense de Lethem.

Rose viu a fronteira como salvação de sua vida e de suas filhas e no processo de migração um projeto maior de vida. Primeiro atravessou a fronteira para o parto de suas filhas na cidade de Bonfim e depois atravessou a fronteira e foi mais além, mudando-se definitivamente para Boa Vista.

Apesar de fazer alusão à fronteira geográfica, Rose implicitamente coloca as outras noções que o termo pode adquirir. Martins (2009, p. 11) nos traz a possibilidade de perceber o conceito polissêmico de fronteira, quando advoga que “é a fronteira de muitas e diferentes coisas: fronteira da civilização, fronteira espacial, fronteiras de culturas e visões de mundo,





fronteiras de etnias, fronteiras da história e da historicidade do homem. E, sobretudo, *fronteira do humano*”.

Intuo que Rose, quando narra sua trajetória de vida, marcada pelo processo migratório, descreve as fronteiras que teve de respeitar, atravessar, contornar e transgredir. De fato, sua entrevista revela que Rose busca abrir as fronteiras de si aos outros, mas no interior do lar as fronteiras se fecham nas tradições culturais que procura manter. Justifico esta afirmativa expondo que em casa todos os diálogos ocorrem na língua materna, ou seja, na língua Inglesa, principalmente para inserir a madrasta de Rose que aos oitenta e oito anos não fala nem entende português.

A vida em família é no estilo guianense: tradições religiosas, linguísticas, gastronômicas, morais e culturais. Outro fato narrado na primeira visita refere-se ao namorado de uma de suas filhas que aprendeu inglês a fim de se inserir nos limites “fronteiriços” da família.

Deste modo, compreendo que a migração, conforme expõe Penna (1998, p. 108),

acarreta mudanças radicais no modo de vida, no nível do trabalho, da inserção comunitária (...), no acesso a bens materiais e simbólicos. (...) Tais mudanças refletem-se, sem dúvida, sobre os processos relativos à identidade social. Faz-se necessário, portanto, considerar a migração enquanto um processo dinâmico de transformação (destruição/recriação) tanto do modo de vida e das relações com o espaço, quanto dos referenciais simbólicos (as representações de identidade) que marcavam a experiência pessoal.

Hall (2005) argumenta que são as transformações da sociedade moderna que apresentam a migração como uma das consequências da globalização e que leva a uma “pluralização” de culturas.

Hoje a vida de Rose é pluricultural. Ainda que no âmbito familiar procure manter a rotina como na Guiana, isso não é possível na íntegra. Quando vai à igreja participa da missa celebrada em português, o marido da filha mais velha não fala inglês, a televisão que fica ligada o tempo todo na sala (inclusive durante a entrevista) só veicula programação em língua portuguesa, os produtos utilizados em sua residência são, na maioria, brasileiros.

No entanto, ela ressalta que vai sempre ao país de origem “buscar o que necessita para manter o padrão guianense”, de modo especial temperos, pois como afirmam Resende e Ramalho (2009, p.45) “são os indivíduos, inseridos em práticas discursivas e sociais, que corroboram para a manutenção ou transformação de estruturas sociais”.



Ao ser questionada sobre como se considera, guianense ou brasileira, ela pensa, sorri e diz: “Todos dois”. Ela complementa que já teve a oportunidade de se naturalizar, mas ainda não quis. Ora, Rose veio a Boa Vista em busca de melhores condições de saúde e educação. Na época, as filhas eram crianças, hoje já são adultas, sendo uma casada. Ela expõe que volta sempre à Guiana para fazer compras, visitar os parentes e amigos, mas já não há vínculo. Isso fica claro ao explicar a situação do voto:

...eu não sei pessoas diz sim pessoas diz não eu não sei nós nunca entra pra ver vai to guianense pra pergunta os direitos ou não direitos pessoas diz nós ter documento aqui na cidade brasileiro não pode é igual ah voto eu não vota em meu país porque eu não mora lá eu não vota aqui porque eu não brasileira.

Ela se considera tanto brasileira como guianense, todavia não tem os direitos políticos em nenhum dos dois países e isso, de certa forma, a deixa triste; ela não se sente plena porque vê nas outras pessoas o que lhe falta: o voto. Percebo, então, que a identidade surge, conforme Hall (2005, p. 39) “não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de *uma falta* de inteireza que é ‘preenchida’ a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por *outros*”.

#### 4. Afinal, qual é a identidade de Rose?

Arrisco defender a ideia de que Rose não apresenta duas identidades, mas identidades híbridas ou como melhor explica Cuche (2002, p. 195): “cada indivíduo integra múltiplas referências identitárias constituídas em sua trajetória”. Hall (2005) afirma que o sujeito não apresenta uma identidade única, mas várias que são construídas e definidas historicamente, dependendo de como é representado ou interpelado.

Woodward (2000, p. 08) defende que a identidade é relacional porque depende de outra para existir, sendo marcada pela diferença, aquilo que não se é e as identidades “adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais são representadas”. Esta representação inclui “práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeitos” (p.17).



Rose se representa como mulher e mãe mantendo as tradições guianenses em família por meio da linguagem. Goffman (1975, p. 29) usa o termo “representação” para se referir a “toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores que tem sobre estes alguma influência”. Então as representações “guianenses” de Rose acontecem, principalmente diante de seu grupo particular, isto é, sua família.

Percebo que as decisões da família estão centralizadas em Rose. Ela é a grande influência de sua família. Além de se representar como mulher e mãe, é possível percebê-la como chefe da família. Ela organiza tudo: a mudança, a casa, a escola, as tarefas, os valores.

Verifico, porém, que ela não buscou a aprendizagem da língua portuguesa para si, tanto que ao ser questionada como foi a aprendizagem da língua portuguesa e quem aprendeu primeiro ela responde: “filhas primeiro depois nós à força porque não ninguém em casa nós fala em inglês but fora nós fala português”. Esta preocupação em destacar o foco para suas filhas está sempre presente. É o discurso materno de Rose o mais evidente e Kimura (1997, p. 339) justifica argumentando que a “redefinição da identidade materna é decorrente dos papéis sociais vividos pela mulher e está condicionado às modificações que ocorrem nos aspectos biológicos”. As filhas de Rose são maiores de dezoito anos, sendo uma já casada e morando próximo a sua residência. No entanto, é a preocupação com as filhas que a fazem permanecer em Boa Vista.

Essa relação da língua portuguesa com a língua inglesa está sempre presente nos enunciados de Rose e onde podemos observar o lugar da construção identitária de Rose porque é a língua que produz sentidos por e para ela. A língua é, assim, conforme Orlandi (2000, p. 22) “condição de possibilidade do discurso”.

Rose explica: “eu não sei muito from da minha casa eu fica em casa muito às vezes fala metade em inglês metade português eu não sei da outra metade ou o quê.” É possível percebermos as duas línguas: inglesa e portuguesa, mas em Rose não há separação entre elas, uma vez que ela organiza o discurso conforme sua lógica permite, mesclando as duas línguas. É Rose, enquanto falante, que coloca as duas línguas em contato, faz mistura de códigos e mudança de código de acordo com as suas necessidades discursivas.





## 5. Considerações

A análise realizada revela a trajetória de uma mulher marcada pela migração e por rupturas de “fronteiras” que revelam múltiplas possibilidades de identidades – identidades híbridas. Ela se representa e é representada de acordo com seu discurso e com os papéis que exerce.

Segundo Amossy (2008, p. 09) “seu estilo, suas competências lingüísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa”. Tudo isso se revela por meio de suas experiências, do vivido, dos traumas e dos sonhos, tornando possível o enriquecimento de seu discurso, o que é fundamental na discussão sobre a construção da identidade do sujeito pós-moderno.

A entrevistada revelou a preocupação com a educação no âmbito familiar a fim de manter os valores religiosos e culturais. Rose afirma a tradição católica herdada dos pais na Guiana e que transmite às filhas mesmo com a migração. O lugar de seu discurso e de construção de sua imagem é a “casa” e esse lugar se mostra apenas mediante as escolhas feitas por ela.

A partir de Fairclough (2001) ousou afirmar que há uma relação entre ação, representação e discurso que nos levam a perceber nos eventos e práticas discursivas os significados implícitos e explícitos de quem fala assim como traços de gênero, como no caso de Rose: o acentuado ser feminino que restringe às atividades do lar, a justificativa materna ao buscar “saúde e educação para as filhas”, o poder da mulher que decide a mudança para Boa Vista e, implicitamente, até a mudança da profissão do marido de soldado para eletricitista.

Assim como Rose, muitos guianenses deslocam-se para Bonfim e para Boa Vista a fim de vender seus produtos, procurar empregos, ou seja, melhores condições de vida. Outro motivo dos deslocamentos é a busca por serviços públicos: saúde e educação.

Vale ressaltar que meu objetivo não foi definir a identidade de Rose a partir de seus enunciados, mas dar-lhes voz, de modo que seja possível percebê-la no limite de suas próprias fronteiras e refletir sobre o papel fundamental da língua no estabelecimento das manifestações de Rose.

Ela ainda (re) estrutura o código na comunicação, apesar de não se preocupar em aprender a língua portuguesa, tanto que em sua fala, notamos o uso de muitas expressões



inglesas misturadas ao português. Para exemplificar cito o uso de preposições *from* em inglês no lugar da preposição portuguesa **de** e *to* no lugar da preposição **para** e o uso da expressão *for instance* no lugar de **por exemplo**.

A linguagem, parceira inseparável, age como mediadora na relação presente/passado, entre “eu” e o “outro”, entre o “individual” e o “coletivo”, entre “aqui” e “lá”, não para “reviver”, mas para refazer, reelaborar, repensar as experiências vividas.

Portanto, ainda há muito que analisar nas situações aqui descritas, tendo em vista que globalização, cultura, discurso, linguagem, formações identitárias e fragmentação são ainda questões recentes.

Detive-me em abrir um “espaço” de escuta neste ambiente polifônico que é cidade de Boa Vista, garimpando os enunciados de Rose e verificando como o seu discurso materno justifica tanto a migração quanto sua permanência em país estrangeiro. Refletir sobre identidade é, na verdade, um desafio pessoal de (re) avaliar nossos próprios (pré) conceitos em relação à identidade e a nossa capacidade de (re) interpretar o mundo pós-moderno em que vivemos. Estas reflexões exigem de nós um olhar “múltiplo” sobre o mundo, sobre o *outro* e sobre nós mesmos.

## Referências

- AMOSSY, Ruth (org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2008.
- CAVALACANTI, Marilda do Couto. Um olhar metateórico e metametodológico em pesquisa em linguística aplicada: implicações éticas e políticas. IN: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2008.p. 233 – 252.
- CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: UNB, 2001.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1975.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- KIMURA, Amélia Fumiko. A construção da personagem mãe: considerações teóricas sobre identidade e papel materno. **Rev. Esc. Enf. USP**, v. 31, n. 2, p. 339 – 343, ago, 1997.
- MAHER, T. M. 1998. Sendo Índio em Português. In: SIGNORINI, I. (Org). **Língua(gem) e Identidade**. Campinas: Mercado das Letras, 2007.
- MARTINS, José de Souza. **Frenteira: a degradação do Outro nos confins do mundo**. São Paulo: Contexto, 2009.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2000.



PENNA, Maura. Relatos de migrantes: questionando as noções de perda de identidade e desenraizamento. In: SIGNORINI, Inês (org.). **Lingua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 1998. (Coleção Letramento, Educação e Sociedade). p. 89 – 112.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. **Análise de Discurso Crítica**. São Paulo: Contexto, 2009.

SILVA, Célia Nunes; MELO, Maria das Graças Pedrosa Lacerda de; ANASTÁCIO, Sílvia Maria Guerra. **Nômades contemporâneos: famílias expatriadas e um mosaico de narrativas**. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2009.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tratado lógico-filosófico e investigações filosóficas**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p. 7 – 72.

---

#### NOTAS

<sup>i</sup> Este é um termo usado por Cavalcanti (2008) ao se referir aos sujeitos de pesquisa, tantas vezes analisados apenas sob o prisma de “objetos”.

<sup>ii</sup> Há um fluxo constante de brasileiros e guianenses nas cidades de Lethem (Guiana) e Bonfim (Brasil). Lethem oferece, hoje, alternativas para o comércio e Bonfim oferece melhores recursos de saúde. No município de Bonfim há muitas famílias guianenses assim como em Lethem há muitas famílias brasileiras.

<sup>iii</sup> O marco da fronteira é um limite natural: o rio Tacutu, sobre o qual foi construída uma ponte que é um raro exemplo de fronteira na qual os motoristas devem mudar o sentido de circulação, seja da direita (no Brasil) para a esquerda (na Guiana) ou vice-versa. A ponte foi inaugurada em 2009. Antes, a passagem fronteiriça era realizada por meio de balsa.

<sup>iv</sup> Os vistos e a documentação são garantidos pela Lei 6.815 de 19/08/1980 que define a situação jurídica do estrangeiro no Brasil. A lei também é chamada de Estatuto do Estrangeiro.